

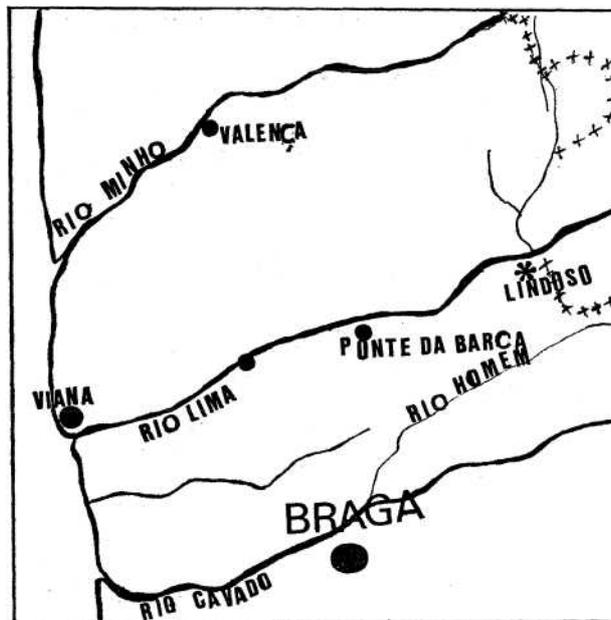
UMA ARA A HÉRCULES

Lindoso — Ponte da Barca

Carlos Alberto Brochado de Almeida

Povoação típica do Minho interior, S. Mamede de Lindoso C) possui dois belos ex-libris: os típicos espigueiros e o castelo. Este, erguido num pequeno cabeço à entrada da povoação, foi man-

atingiria Ponte de Lima, Braga e o litoral. Sofreu, através dos séculos, toda a sorte de vicissitudes extensivas aos demais castelos de fronteira: reconstrução e apetrechamento em tempos de guerra, semi-



dato construir por D. Dinis em 1287 (*) com a finalidade de travar as incursões castelhanas através do vale do Lima. E que, flanqueada a fortaleza estrategicamente colocada sobre a única estrada natural da região, o invasor facilmente

-abandono e ruímento em tempos de paz. Ao longo dos seus muros bem visíveis estão as mazelas havidas com as sucessivas reparações. Apesar de tudo, algo ficou da primitiva construção. Algumas fiadas de pedras sigladas e uma ou

C¹) Foi concelho a quem D. Manuel concedeu foral em 5 de Outubro de 1514.
(2) P. Carvalho da Costa, *Chorografia Portuguesa*, T. I, Lisboa, 1706, pág. 241.

outra porta de formato ogival atestam a presença dos últimos reinados da dinastia afonsina.

Foi numa arrecadação da residência paroquial ⁽³⁾, que encontra-

A ara votiva, em granito granuloso da região, está bastante mutilada. Do primitivo fôculo apenas resta uma pequena cavidade circular.



Dimensões: 58 X 22 X 20 cm
 Campo Epigráfico: 30 X 21 cm
 Moldura Superior: 22 X 9 cm
 Altura das Letras: 4 cm

mos o monumento epigráfico em questão juntamente com alguns sarcófagos medievais, dois dos quais com tampas decoradas em estola.

O campo epigráfico, delimitado por duas molduras, está ligeiramente rebaixado. Das molduras, só a superior se conserva, pois a outra

⁽³⁾ Agradecemos ao Rev. Pároco as facilidades concedidas para o estudo dos objectos em questão.

quase desapareceu com a mutilação da base.

A inscrição é composta unicamente pelo teónimo HERCVLE com nexos em HE e VE. Não sabemos se o texto teria mais linhas. O normal seria seguir-se o dedicante ou dedicantes, os motivos da dedicatória e a fórmula consacratória, como aliás sucede noutras epígrafes já conhecidas deste deus⁽⁴⁾. Mas não é fácil afirmar-se que existiram. O realce que fizemos ao campo epigráfico, na mira de detectarmos possíveis letras, resultou infrutífero. Descobrimos unicamente um sinal cruciforme ao meio e perto deste, vestígios de picagem algo informe. Sem dúvida que a ara sofreu os efeitos cristianizadores, mas estes não são suficientes para explicar a ausência de letras na parte inferior do campo epigráfico. Daí que, seja de admitir, que a inscrição constasse unicamente do nome do deus, o que aliás não é caso raro.

Qual a proveniência da ara? Não o sabemos. É possível e à imagem do que aconteceu com os sarcófagos, que tenha sido encontrada quando das remodelações havidas na igreja paroquial e respectivos acessos. Mas também não nos repugna que tenha sido trazida

da vizinha povoação castreja de Cidadelhe⁽⁵⁾, onde há evidentes sinais de romanização.

Apesar do diminuto número de epígrafes recenseadas, o culto a Hércules no Noroeste Peninsular é uma realidade. Para além da ara agora conhecida, há uma outra originária de Guimarães⁽⁶⁾, uma estatueta, em bronze, de Santa Tecla⁽⁷⁾, representando o herói, barbado e nú, com diadema na cabeça e na mão esquerda os três pomos de ouro da lenda das Hespérides⁽⁸⁾ e a inscrição do farol romano da Corunha, mais conhecido por Torre de Hércules f).

Fora da zona castreja, as inscrições dedicadas a Hércules são bem mais numerosas, cerca de vinte e quatro e concentradas na Lusitânia e Bética⁽¹⁰⁾. Era aliás nesta província, numa ilha junto a Cádiz, que se situava um famoso santuário — o HERAKLEION — dedicado ao herói (").

A introdução e difusão do culto a Hércules no mundo romano está intimamente ligada à progressiva orientalização religiosa do Império, onde e após o século I, há uma extraordinária difusão de cultos orientais em Roma e nas províncias ocidentais⁽¹²⁾. Desta se

⁽⁴⁾ José Vives, *Inscripciones Latinas de Espana Romana*, T. I, Barcelona, 1971, págs. 29/31.

⁽⁵⁾ Abel Viana, *Justificação para um Cadastro de Monumentos Arqueológicos para o Estudo dal Arqueologia do Alto Minho*, in Anuário do Distrito de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 1932.

Embora de épocas mais recuadas, é de todo o interesse recordar, que no aro da freguesia, existe um importante complexo de gravuras rupestres na Bouça do Colado (Parada Lindoso) e que foi objecto de uma comunicação ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, 1980), por António Martinho Marinho.

■(C) Mário Cardozo, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento*, Guimarães, 1972, pág. 47.

⁽⁷⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1910 pág. 289.

⁽⁸⁾ Filhas de Atlas e de Hespéris, viviam num jardim de maçãs de ouro, cuja entrada estava guardada por um dragão. Hércules matou-o e apoderou-se de todas as riquezas.

Edith Hamilton, *Mythologie*, Marabout Université, Bélgica, 1962, págs. 191/206.

⁽⁹⁾ F. Acuña Castroviejo, *Catálogo Monumental Selectivo de Ia Galicia Actual en Época Romana*, in *La Romanización de Galicia*, Cuadernos de Sargadelos, n.º .16, págs. 123 e segs.

⁽¹⁰⁾ José Vives, *op. cit.*

⁽¹¹⁾ Estrabão, *Geografia*, III, 5, 3.

⁽¹²⁾ O culto de Sérapis, Dea Caelestis, Nêmesis, Mithras e outros tiveram certa projecção na Península Ibérica. Cons. A. Garcia y Bellido, *Les Religions Orientales dans VEspagne Romaine*, Leiden, 1967.

encarregam os mercadores (sírios, egípcios ou gregos) e os soldados das legiões, em contínua deslocação pelas várias parcelas do Império⁽¹³⁾. A estes cultos aderem elementos de todas as camadas sociais, desde o Imperador⁽¹⁴⁾ aos escravos e concorre em plano de igualdade com a religião tradicional e com o próprio culto ao imperador. Melhor do que estas, as religiões orientais com os seus mistérios, iniciações, purificações e exigências de vida superior⁽¹⁵⁾, falam à sensibilidade, ao sentimento religioso do romano, ávido de soluções para os grandes problemas do Homem e do Mundo e angustiado perante a mística da salvação. Depois, as manifestações exteriores como procissões, danças, cânticos, música e representações dos «mistérios» destas religiões⁽¹⁶⁾, exercem, indubitavelmente, uma certa atracção nos romanos tão sedentos de emoções e espectacularidade.

Esquemáticamente pode-se atribuir a Hércules duas funções: a guerreira e a protectora.

Tal como Marte⁽¹⁷⁾, muito venerado entre os povos do Norte⁽¹⁸⁾, também Hércules é uma divindade ligada à causa

bélica. Tal facto está mais do que provado nas várias epígrafes espalhadas pelo Império, onde aparece sob a denominação de «Invictus» ou de «Victor»⁽¹⁹⁾. Daí que e à semelhança dos seus homólogos «Taranis» e «Gram»⁽²⁰⁾, com grande projecção entre as divindades guerreiras celtas e germanas⁽²¹⁾, ocupe igualmente, destacado lugar no panteão guerreiro castrejo, compartilhando-o com Marte e algumas divindades femininas⁽²²⁾.

Em paralelo com actividade bélica, está a propensão para a defesa da saúde, dos homens e das casas. Epítetos como «Salutaris», «Salutifer» e «Tutor» presentes em várias epígrafes, são bem a prova de que os seres humanos viam no filho de Zeus e de Alcmena um refúgio contra as vicissitudes da existência.

Se o Marte galaico e as divindades a si associadas são personalidades ligadas à actividade guerreira, o que aliás acontece com os homólogos celtas, germanos ou romanos⁽²³⁾, já Hércules é bem mais difícil de enquadrar por falta de documentação, inclusive a epigráfica. Se as duas aras conhecidas são omissas quanto à função,

C¹³⁾ Mareei de Gray, *La Religion Romaine*, Paris, 1971, págs. 78/80.

O⁴⁾ Alguns exemplos:

Calígula inicia-se no culto de Isis, Cláudio interessa-se pelo culto de Cibele, Nero pelo culto de Mithra, Vespasiano pelo de Sérapis.

<¹⁵⁾ Macei le Gray, *op. cit.*

(!<) Idem.

C¹⁷⁾ Para um melhor conhecimento de Marte e seus associados na zona castreja, aconselhamos, entre outras, a consulta das seguintes obras:

— José Maria Blázquez, *Dicionário de Ias Religiones Prerrommas de Hispânia*, Madrid, 1975.

— José Maria Blázquez, *Las Religiones dei Área Noroeste de Ia Península Ibérica en Relacion con Roma*, in Legio VII Gemina, Leon, 1970.

— José D'Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975.

— J. C. Bermejo Barrera, *La Sociedad en Ia Galicia Castrena*, Santiago de Compostela, 1978.

(is) Estabão. *op. cit.*, III, 3, 7 (155).

(is) J. Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, pág. 287.

O²⁰⁾ «Gram» é representado com uma maça na mão e «Taranis» com maça e raio. Em moedas do século I, Hércules, para além da maça traz na cabeça uma pele de leão.

(21) Jan de Vries, *La Religion des Celtes*, Paris, 1973, pág. 69.

— Georges Dumézil, *Mythe et Epopeé*, Paris, 1968, pág. 266.

O²²⁾ J. C. Bermejo Barrera, *op. cit.*, pág. 49.

(23) Idem.

já o ex-voto de Santa Tecla permite tirar ilações algo diferentes. É a imagem do herói, o maior dentre os homens, possuidor de força combativa e que arrojadamente se apodera dos pomos de ouro do jardim das Hespérides, símbolo do ambicionado Paraíso. Não há aqui uma atitude belicosa, mas a imagem do Homem, que obstáculo após obstáculo, procura atingir a espiritualidade que lhe assegurará a imortalidade (**).

Se consultarmos as restantes epígrafes peninsulares, o panorama pouco se modifica. Unicamente três ⁽²⁵⁾ apresentam claramente a denominação de «Invicto», o que, convenhamos, é muito pouco para se concluir que o semi-deus, entre nós, é uma divindade preferencialmente guerreira e os seus ofertantes oriundos da aris-

tocracia militar ou com ela relacionada.

Poderíamos também opinar que sendo como o irlandês Chòchulainn, o representante da essência da função guerreira ⁽²⁶⁾, encontrasse fácil acolhimento no mundo romano ⁽²⁷⁾ e muito em especial, entre os povos do Noroeste Peninsular, onde o pugilato, a corrida, a escaramuça e o combate ⁽²⁸⁾ determinavam o valor pessoal, característica aliás comum, às demais sociedades indo-europeias. Mas a ausência de dedicante na ara de Lindoso e a truncada inscrição de Guimarães ⁽²⁸⁾ não permitem mais conclusões que aquelas que a suposição possa aliciar.

Cronologicamente, embora nos faltem muitos dados, mas atendendo ao tipo de letra e à difusão das doutrinas orientais na Península, é possível atribuí-la dos finais do século I ao século II.

⁽²⁴⁾ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles...*, Sehers, Paris, Vol. H a PIE, 1974, pág. 25.

⁽²⁵⁾ São elas: a do Castro dei Rio Córdova, e as de Martos (Cabezón) José Vives, *op. cit.*, pág. 31.

⁽²⁶⁾ Jean Chevalier, *op. cit.*, pág. 23.

⁽²⁷⁾ O «tria nomina» de algumas epígrafes dedicadas a este deus, denunciam o cidadão romano ou indígena romanizado.

⁽²⁸⁾ Estrabão, III, 3, 7 (.155).

■(**) .../...IENTIVS I/ [ul] IVS HERC/ [uli].
Mário Cardozo, *op. cit.*, pág. 47.